

O ATRAVESSAMENTO ÉTNICO NA SALA DE AULA: UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DAS PROFESSORAS DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO AMARGOSA-PRALLER.

Manuely Santos dos Anjos¹

Marise de Santana²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central investigar o atravessamento étnico na sala de aula das turmas do Programa de Alfabetização e Letramento Amargosa-PRALLER, através da pesquisa em andamento do Programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade que busca investigar sobre as diferentes etnicidades das professoras do Programa de Alfabetização e Letramento Amargosa-PRALLER. Assim, a investigação está sendo realizada na Escola Municipal Vivalda Andrade Oliveira, nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental Séries iniciais, usando como método de pesquisa a Etnopesquisa-formação, através de uma pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada e observação participante que forneceram os materiais necessários para a produção empírica nesta pesquisa. Logo, a análise das informações foi realizada através da organização das categorias de análise cautelosa e dialógica com o processo individual de cada colaboradora, usando as epistemologias e leituras dos materiais produzidos, como também os referenciais teóricos que atravessaram essa construção empírica das etnicidades e formação docente. Desse modo, os dados obtidos foram organizados em categorias de

¹ Graduada em Pedagogia-UNEB, pós-graduada Lato Sensu em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira na Educação-IFBAIANO, Colaboradora do Programa de Extensão Cozinha dos Afetos para universitária negras-CAFUNé-UFRB e Mestranda de Relações Étnicas e Contemporaneidade- UESB. manuely.lamdyn@gmail.com

² Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia Olga Meting. Concluiu mestrado em pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em que defendeu a Dissertação intitulada Educação Multicultural Novos e Velhos Desafios orientada pela Profª Drª Josildeth Gomes Consorte. Em 2004 defendeu a Tese "O Legado Africano na Diáspora e o Trabalho Docente" na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também orientada pela profª Dra Josildeth Gomes Consorte. É professora nível Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia das disciplinas Didática e Antropologia. Coordenadora e Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana é Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em "Desenho, Cultura e Interatividade". nabaia1960@gmail.com



análises, sendo elas: Etnicidade, formação docente e alfabetização de crianças negras, buscando alcançar a elaboração de um debate em torno dos objetivos traçados neste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnicidade, Formação docente e Alfabetização de crianças negras.

INTRODUÇÃO

**Libertarmo-nos dos confins de um regime único de verdade e do
hábito de enxergarmos o mundo em uma cor.**
Egon Guba

Na metade do século XX a etnometodologia surge como abordagem teórico-metodológica das pesquisas empíricas, nos Estados Unidos, se desenvolvendo ao longo desta década mediante ao crescimento do uso do método para compreender as relações humanas. A etnopesquisa passa a ser um método realizado por maior parte dos sociólogos, tais como (COULON, 1995 e HERITAGE, 1999), que realiza seus estudos nas implicações dos sujeitos e o contexto escolar. Assim, o surgimento do método etnopesquisa implica-se no olhar entre os colaboradores/ pesquisadores, contexto/cenários de investigação em sua dimensão mais ampla, no olhar singular sobre sociocultural e relação humana.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como abordagem um estudo qualitativo das diferentes etnicidades das professoras alfabetizadoras do PRALLER, pois, se trata de um estudo de abordagem etnopesquisa-formação no lócus de compreender as diversidade das relações étnicas no ambiente escolar. Desse modo, explicar a origem, os conceitos e abordagens teóricas que possibilitam esse tipo de pesquisa contribui para o movimento investigativo dos grupos sociais investigados.

Assim, esse artigo tem como objetivo apresentar dados da pesquisa que está sendo realizada no mestrado em Relações Étnicas e



contemporaneidade, que busca investigar as diferentes etnicidades das professoras do Programa de Alfabetização e Letramento de Amargosa-PRALLER que trabalham com crianças negras. Frederich Barth (1998) afirma que os indivíduos precisam estar conscientes de sua identidade étnica e com uma atuação dinâmica a seu favor. Significa que cada sujeito, em um contexto histórico, geográfico, cultural, religioso e social, contribui para a etnicidade de seu grupo, sendo protagonista do fazer cultural. Santana (2017, p. 12) evoca a linguagem através da imagem como o lugar da etnicidade, de manifestação da cultura e estética do indivíduo. "Portanto, pensar em conhecimentos afro-brasileiros implica em aplicar uma metodologia de trabalho que articule boca e ouvido". Com a metodologia de ouvir as trajetórias profissionais e de vida dessas professoras, buscamos enxergar suas vivências e visão do mundo e de si.

Outrossim, a dialogicidade dos conhecimentos epistemológicos das salas de aula será apresentada através da observação realizada na sala da Professora Maria Firmina, para dialogar com os atravessamentos na prática pedagógica.

O ATRAVESSAMENTO ÉTNICO NA SALA DE AULA: UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DAS PROFESSORAS DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO AMARGOSA-PRALLER.

Os dados apresentados neste tópico são resultados das observações participantes nas salas do primeiro ano do Ensino Fundamental Séries Iniciais da Escola Vivalda Andrade Oliveira, na qual levou-se em consideração os conteúdos trabalhados pelas professoras, a participação dos alunos, as atividades desenvolvidas e a proposta curricular. Desse modo, iremos narrar e discutir como o atravessamento étnico está presente de forma direta e indireta na sala de aula, visando as crianças negras que as professoras ensinam diariamente nessas turmas, seus saberes populares, corpos, culturais



e linguagens.

SALA DE AULA: UMA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PROFESSORA MARIA FIRMINA.

"E a liberdade, oh! poeta, – canta, que fora o mundo a continuar nas trevas? Sem ela as letras não teriam vida, menos seriam que no chão as relvas; toma por timbre liberdade, e glória, teu nome um dia viverá na história" (Maria Firmina dos Reis).

Educação, alfabetização, etnia e formação docente são espaços de conhecimentos e saberes que se configuram em suas complexidades. Será possível a metodologia pedagógica romper com as violências simbólicas que ocorrem nas vidas educacionais de nossas crianças? A busca pela liberdade de ensinar apresenta diversos aspectos profundos no cotidiano e nas vivências da sala da professora Maria Firmina. "A escola muitas vezes desconhece e desconsidera essa realidade", pois, esquecem de garantir a igualdade e as particularidade da cultura e vivências das crianças negras. (Gomes, 2001, p. 86).

A professora Maria Firmina, turma A da Escola Vivalda Andrade Oliveira e seu trato pedagógico com as crianças dessa turma, seus valores, etnicidade e cultura, estarão sendo apresentados brevemente durante essa discussão. A turma da professora Maria Firmina é constituída por 26 alunos, suas aulas acontecem no turno matutino. Sua sala é considerada inquieta e com diversos problemas sociais, como relata a professora durante os momentos de observação. Seus alunos majoritariamente negros ou pardos (como sinalizam na ficha de matrícula) estão na fase silábica alfabética. Contudo, codificar e decodificar palavras não são os elementos centrais da alfabetização e letramento (Ferreiro, 2011).

Soares (1992) estabelece que a relação entre sociedade, espaço educacional e linguagem se formam através de três ideologias, que são forjadas na metade do século XIX no Brasil, a fim de explicar o fracasso escolar

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ

e a crise da linguagem: são as ideologias do dom, da deficiência cultural e das diferenças culturais, expondo os padrões incorporados pela noção da cor, sujeito social e as diferenças pautadas na distância socioeconômicas entre os grupos sociais (favorecidos e menos favorecidos), o que se resume, em "deficiência, diferença e opressão" (SOARES, 1992 apud ZIVIANI, 2012, p. 137). Soares aponta três palavras relevantes usadas para justificar as mazelas que as crianças negras passam com o sistema educacional nas relações étnicas.

Lopes (1988, p. 54) acredita que dentro da escola:

A identidade negra atua como um elemento dialético. Nós não podemos pensar em livro didático, nós não podemos pensar em experiência curricular, sem pensar no professor que está lá e que tem a sua identidade pessimamente construída, bem como o diretor da escola e cada um de nós, militantes do movimento, que também temos os nossos problemas com identidade.

No primeiro dia de observação a professora apresentou alguns escritores importantes do Brasil para trabalhar com a valorização das culturas populares.

Foto 1: Turma A- Aula x



Foto tirada pela pesquisadora (2023)

Maria Firmina, representa o potencial da nossa literatura brasileira. Contudo, podemos analisar que Monteiro Lobato está ocupando um lugar de destaque na lousa, reproduzindo novamente o apagamento histórico dos



primeiros contadores de história do Brasil (povos indígenas e africanos). Considero sugerir que para a potencialização das crianças negras nessa turma, seria relevante iniciar a aula apresentando como a história surge no imaginário brasileiro, as lendas, contos, e tradições do boca e ouvido. Para Edson Ferreira (2017) a imagem situa a relação do passado com o presente, despertando as emoções através das lembranças de um tempo vivido, ou sentimento expresso pelo desejo de conhecer sua identificação étnica.

Destaco que durante a aula a Professora Maria Firmina ressaltou a característica racista dos livros do autor Monteiro Lobato, informando que a sociedade brasileira o coloca como o primeiro criador da literatura infanto-juvenil; Porém, era necessário problematizar o papel de Monteiro Lobato que propaganda a inferioridade das pessoas negras em suas obras, sempre colocado os mesmos em papéis de subalternos (empregados, meninos levados e cozinheiras).

É relevante nesse processo compreender que o movimento de aceitação do ser negro quanto a sua rejeição não se dão apenas na esfera da racionalidade, mas também, na historicidade, nas expressões linguísticas, na cultura, nas representações visuais e pela corporeidade, assim afirma Gomes (2019). Ou seja, quando pensamos na organização dessa aula, a professora Maria Firmina, buscou representar alguns grupos étnicos, porém, a estrutura da imagem revela um prévio entendimento da posição do homem branco, como de protagonismo indevido.

Roberto Cardoso de Oliveira (2006) explica que o papel cultural não se esgota na sua função diacrítica, enquanto marcador de identidade nas relações interétnicas. Logo, a identidade visual construída no imaginário dessas crianças que ouviram a aula imbricadas ou implicadas com a forma de representação de Monteiro Lobato, criou uma dimensão étnica implicada no protagonismo ensinada pela professora. A etnicidade “podem ser vistas como modalidades de organização [...] não apenas na configuração diacrítica da identidade, isto é, como marcadora dessa identidade, mas



também na dimensão dos valores e das concepções do nós frente aos outros expressas em formulações discursivas" (Cardoso de Oliveira, 2006, p. 37).

bell hooks (2017) explica que a escola é o lugar de repensar práticas pedagógicas que mantenham a manutenção do sistema opressor, para que a prática de transgredir possa construir uma nova forma de ensinar. Se examinarmos criticamente o papel tradicional da escola na busca pela verdade e na partilha do conhecimento e informação, ficará evidente que a parcialidade sustenta e mantém a supremacia branca (hooks, 2017).

A escola é uma das principais estruturas de propagação do racismo. Muitos estudos, como o dos autores Gomes (2005) e Munanga (2001), já evidenciam a forma com que o racismo atravessa o cotidiano escolar, fortalecendo e disseminando os mecanismos de discriminação racial, aos quais os negros são submetidos no Brasil. A intelectual bell hooks (2017) ressalta a importância dos profissionais da educação repensarem o seu papel cujas lições reforçam os estereótipos racistas. Entendemos assim a importância da etnicidade no ambiente escolar, como símbolos que irão intervir na estética apresentada nas metodologias. A "eticidade não é um conjunto intemporal, imutável de traços culturais, mas sim a forma de provocar ações e reações entre grupos e outros em organização social que não cessa de evoluir" (Poutignat, 2011).

Podemos refletir o uso pedagógico da professora Maria Firmina através da explicação de Silva (2011, p.16)

Como se vê, é complexa, mas não impossível, a tarefa de tratar de processos de ensinar e aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, como a brasileira. Abordá-los pedagogicamente ou como objeto de estudos, com competência e sensatez, requer de nós, professores (as) e pesquisadores (as): não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que "naturalmente" integram o dia a dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento (a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos em uma democracia racial. E, para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presentes as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade



excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar.

Logo, compreendemos que as diferentes etnicidades que atravessam a sala de aula, deve exercer um papel crucial nas práticas pedagógicas e nos processos de formação continuada da professora Maria Firmina, para que a mesma compreenda a reestruturação e potencialização da diversidade, historicidade, cultura, religião, saberes e conhecimentos compõem a sociedade brasileira.

INFLEXÕES

A guisa das inflexões em andamento da etnicidade da Professora Maria Firmina consiste em provocar lembranças e enraizamentos de conceitos formados no imaginário dessa educadora, uma visão estereotipada dos grupos étnicos dos povos de legados africanos que se construiu ao longo da sua infância um universo padrão. Outrossim, necessita-se entender o movimento em busca por repensar seu caminhar sua formação inicial e continuada para a valorização da diversidade étnica do ambiente escolar, dependerá das vivências e compreensão das professoras sobre os legados africanos que atravessam o povo brasileiro. Assim, faz se necessário um debate sobre etnicidade no processo de formação das professoras para compreender o mundo, as relações e o conhecimento. Na sala de Maria Firmina, o trabalho de repensar as imagens que formam o mundo literário é exposto de forma contraditória, porém, notamos através da sua metodologia de ensino o anseio para construir uma nova visão do protagonismo dos povos negros no ambiente escolar. Em suma, como Nilma Lino Gomes (2017) explica “A relação pedagógica não se desenvolve só por meio da lógica da razão científica, mas, também, pelo toque, pela visão, pelos odores, pelos sabores, pela escuta”. Ensinar e criar metodologias significa colocar a postos a interação positiva e negativa com o outro, para assim provocar mudanças.



REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O desafio da diversidade.** In:_____. (Orgs.). **Experiências Étnico-Culturais Para a Formação de Professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 13-33.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da Identidade.** SP, Unesp / Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference.** London: George e Allen & Unwin, 1969.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **"Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível".** In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.** São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 97-108

ZIVIANE, Denise Conceição das Graças. **A cor das palavras: a alfabetização de crianças negras entre o estigma e a transformação.** Belo Horizonte: Mazza, 2012.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 6. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 201

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.** Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

SANTANA, Marise de. **Etnicidades ou lutas religiosas "crentes", católicos e "macumbeiros" no Recôncavo Baiano.** Etnicidade em Trânsitos. Estudos sobre Bahia e Luanda. org. Marise de Santana, Edson Dias Ferreira e Washington Santos Nascimento. Rio de Janeiro, UNIAFRO, 2017.

SANTANA, Marise de. **Quem não senta pra aprender, não levanta pra ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana.** In. Narrativas Ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia / Organizadores Luzi Borges, Marise de Santana, Washington Nascimento. - Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022.